

# Variantes sintáticas (padrão e não padrão) em português: representações sociais e atitudes linguísticas de falantes madeirenses

Aline Bazenga<sup>1</sup>

Catarina Andrade<sup>2</sup>

Lorena Rodrigues<sup>3</sup>

**RESUMO:** Reconhecendo a importância dos estudos sobre as atitudes linguísticas para a compreensão da variação e mudança linguística, no âmbito da Sociolinguística Variacionista de Labov (1972), este trabalho resulta de duas investigações empíricas realizadas na ilha da Madeira, cujos questionários contêm um conjunto de perguntas que apelam aos juízos de valor dos falantes sobre variantes sintáticas (padrão e não-padrão) em uso no português, nomeadamente, as de realização pronominal anafórica do objeto direto (OD), ou seja, variantes com: clítico acusativo O (*eu vi-o*), pronome nominativo ELE (*eu vi ele*) ou ainda com clítico dativo LHE (*eu lhe vi*). Os inquéritos sociolinguísticos desta investigação apresentam configurações distintas: um primeiro conjunto de dados foi recolhido entre abril e dezembro de 2013, junto de 126 indivíduos de sete comunidades linguísticas da ilha da Madeira (18 por localidade), estratificados por idade, sexo e nível de escolaridade; já o segundo, realizado em outubro de 2015, foi aplicado a 412 estudantes da Universidade da Madeira, no Funchal, a capital da ilha. A análise, quantitativa e qualitativa, será conduzida, tendo em consideração dados retirados do Corpus do Português Falado no Funchal e os estudos recentes sobre vários aspetos da variação sintática em variedades do português (europeias, brasileiras e africanas). Os resultados das tarefas de julgamento realizadas por falantes madeirenses permitem (i) confirmar a relevância dos fatores sociais na consciência linguística da variação inerente dos sistemas linguísticos, por um lado, e, por outro, (ii) contribuir para a discussão do papel desempenhado por este tipo de dados subjetivos nos processos de mudança linguística.

**Palavras-chave:** Atitudes linguísticas; Sociolinguística Variacionista; Variantes sintáticas do português; falantes madeirenses.

**ABSTRACT:** Recognizing the importance of studies on linguistic attitudes to the understanding of linguistic variation and change, in the scope of Labov's (1972) Variationist Sociolinguistics, this work is produced from two empirical investigations carried out in the island of Madeira, from questionnaires containing a set of questions that call for the speakers judgments of value on syntactic variants (standard and non-standard) in use in Portuguese, namely, the pronominal anaphoric realization of the direct object (OD), that is, variants with: accusative clitic –O, Nominative pronoun ELE (I saw him) or with Datif Clitic -LHE. The sociolinguistic surveys used in this research have different configurations: a first dataset was collected between April and December 2013, with 126 individuals from seven linguistic communities located on the island of Madeira (18 informants for each location), stratified by age, sex and level of education. The second, held in October 2015, was applied to 412 students from the University of Madeira, in Funchal, the capital of the island.

The quantitative and qualitative analysis will be conducted, taking into account the Corpus of Portuguese Spoken in Funchal and recent studies on various aspects of syntactic variation in Portuguese Varieties (European, Brazilian and African). The results of the judgment tasks carried out by Madeiran speakers

---

<sup>1</sup> Universidade da Madeira. Faculdade de Artes e Humanidades. Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (CIERL-Uma). Doutor em Letras – Linguística Francesa. [aline.bazenga@staff.uma.pt](mailto:aline.bazenga@staff.uma.pt)

<sup>2</sup> Universidade da Madeira. Faculdade de Artes e Humanidades. Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (CIERL-Uma). Mestre em Estudos Linguísticos e Culturais. [Hsm\\_linda1@hotmail.com](mailto:Hsm_linda1@hotmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós Graduação em Linguística. Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (CIERL-Uma). Doutoranda em Linguística. Bolsista CAPES/PDSE. [rodriorena@gmail.com](mailto:rodriorena@gmail.com)

allow (i) to confirm the relevance of social factors in the linguistic awareness of the inherent variation of linguistic systems, on the one hand, and (ii) to contribute to the discussion of the role played by this kind of subjective data in the processes of linguistic change.

Keywords: Linguistic attitudes; Variationist Sociolinguistic; Syntactic variants of Portuguese; Speakers Madeiran.

## 1 Introdução

Os estudos descritivos e sistemáticos sobre variação sintática da variedade do Português falado na Madeira (doravante, PFM), sobretudo nas suas variedades faladas no Funchal (ou PE-Funchal), são muito recentes, como sublinhado por Bazenga (2014b). As principais referências surgem após as coletas de dados empíricos realizadas por investigadores do CLUL nos anos 70 e 80 e finais do séc. xx, no âmbito do projeto *CORDIAL-SIN*<sup>4</sup>, e no início do séc. XXI, com o *Projeto Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*<sup>5</sup> que vai dar origem ao *Corpus Sociolinguístico do Funchal* (CSF) que irá integrar o *Corpus Madeira*, atualmente em construção (BAZENGA, 2014).

A investigação realizada no âmbito dos projetos anteriormente referidos permitiu aprofundar o conhecimento de alguns aspetos sintáticos do PFM, em particular nas suas variedades urbanas (Funchal). Dentre algumas construções sintáticas não padrão em uso por falantes madeirenses, encontram-se as variantes pronominais *ele* e *lhe* em função objeto direto (OD), como a seguir exemplificado, com dados atestados e retirados do CSF (BAZENGA, 2011):

### (1) VARIANTE **ELE**

- a. "ponho ele [ponho-o] a ver bonecos. (FNC11\_MA1 243)";
- b. "meto ele [meto-o] a andar de bicicleta. (FNC11\_MA1 243)";
- c. "e depois o marido deixou ela [deixou-a] e ficou na quinta. (FNC11\_MC1.1 453)".

### (2) VARIANTE **-LHE**

- a. "Tento-lhe explicar e lhe informar [informá-lo] sobre as coisas. (FNC11\_HA1426)";
- b. "Levo-lhe [levo-o] à escola. (FNC11\_MA1 006)";
- c. "eu não gostava dele nem lhe [nem o podia] ver à frente. (FNC11\_MA1 204-5)".

Outras estratégias utilizadas pelos falantes madeirenses são a variante em OD nulo, em (3), e a repetição lexical, em (4):

---

<sup>4</sup> O projeto CORDIAL-SIN, dedicado ao estudo da variação sintática, cujo início remonta a 1999, permitiu a reflexão e estudo de fenómenos variáveis do PE nos quais surgem algumas particularidades em uso na variedade do PFM. Dentre os trabalhos publicados no âmbito deste projeto, merecem especial atenção aqueles que mostram a existência de algumas construções não sintáticas mais confinadas à Madeira e aos Açores, tais como os usos de (i) ter existencial, ilustrado pelo exemplo de uma ocorrência deste tipo num informante do Porto Santo, "Porque aqui à nossa frente, *tinha* um alto, *tinha* um moinho de vento e (eu) não via a casa da minha mãe! (PST)" (ii) as construções com possessivo pré-nominal sem artigo, como no exemplo a seguir, de um informante de Câmara de Lobos: "Ah, meus filhos já vieram daí para cá. (CLC)"; e (iii) com o uso do gerúndio, precedido de verbos aspetuais como "estar", "ficar", "andar", como, por exemplo, no seguinte enunciado produzido por um falante madeirense do Porto Santo: "[...] toda a gente estava *desejando* de chegar ao Natal, que era para comer massa e arroz e um bocadinho de carne", como o de CARRILHO e PEREIRA (2011).

<sup>5</sup> Trata-se de um projeto internacional coordenado por investigadores do CLUL (Portugal) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (Brasil) e financiado pelo CAPES/GRICES (Brasil), mais concretamente a partir de 2010, data em que a Universidade da Madeira (UMa) passa a integrar o projeto, através da investigadora do CLUL e docente desta Universidade Aline Bazenga. Os primeiros estudos variacionistas sobre sintaxe do português insular, a partir de dados da variedade falada no Funchal, capital do arquipélago da Madeira, começaram a ser publicados a partir desta data.

### (3) VARIANTE **OD NULO**

- a. “[...] faço o jantar *sirvo* [sirvo-o] à família. (FNC11\_MA1:010)”;
- b. “a minha licenciatura termina-se antes do tempo pretendido\_ *tive* que me enquadrar no bolonha e tive que [a] *acabar* mais cedo – (FNC-MA3.1:013)”.

### (4) VARIANTE **REPETIÇÃO LEXICAL**

- a. “gostava de comprar uma mota\_ e os meus pais detestam [detestam-nas] *motas* – (FNC-HA1:004)”;
- b. “queria a minha roupa vestia a *minha roupa* [vestia-a]. (FNC11\_MA1:067)”.

Este artigo, tendo por base os estudos sobre usos e crenças, por parte de falantes madeirenses, relativamente às variantes às variantes com ELE, LHE, OD Nulo, e Repetição Lexical, em construções onde está em causa a marcação do OD anafórico, pretende contribuir para um melhor conhecimento da sintaxe não padrão nas variedades faladas do Português pela comunidade da ilha da Madeira. Os trabalhos de investigação considerados seguem os protocolos metodológicos da sociolinguística variacionista. A anteceder a secção em que se apresentam os resultados mais relevantes, a dedicada à Metodologia, na qual se descreve o CSF, corpus a partir do qual foram seleccionadas as amostras para os primeiros estudos quantitativos, e os dois inquéritos percetivos, um de natureza mais geral, sobre várias questões ligadas à sintaxe não padrão do Português, aplicado na ilha da Madeira em 2013, e um segundo, datado de 2015, centrado na avaliação das variantes padrão e não padrão de realização de OD anafórico, realizado junto de estudantes da Universidade da Madeira.

## 2. Metodologia

Da Sociolinguística quantitativa, esta pesquisa recorre à noção de envelope de variação. Assim, considera-se, em primeiro lugar, a variável “marcação de OD - 3ª pessoa na variedade madeirense do PE ” e as seguintes estratégias / formas variantes: o clítico *o* (e suas flexões), o pronome *ele* (e suas flexões), a anáfora zero e a repetição lexical (no caso de análise quantitativa de dados de uso), e apenas as três primeiras variantes mencionadas no que se refere à análise de dados de perceção. Cada uma dessas variantes será favorecida por determinados contextos ou fatores controle, quer de natureza linguística, relacionados com aspetos estruturais, de natureza semântica, por exemplo, da própria variante ou de material linguístico adjacente, quer extralinguísticos ou sociais, tais como, *género, idade, nível de escolaridade* do informante.

- O CSF: análise quantitativa de amostras reduzidas (6 informantes) de Aveiro e Sousa (2014), Nóbrega e Coelho (2014), Caires e Luís (2014)

O CSF, cuja colecta de dados remonta a 2010, data em que a Universidade da Madeira integra, sob a coordenação de Aline Bazenga, o Projeto *Estudo Comparado de Padrões de Concordância em Variedades africanas, brasileiras e europeias do português*, tem permitido o estudo de algumas variáveis sintáticas do Português, contribuindo com percentagens relevantes de variantes não-padrão atestadas nos usos de falantes de variedades madeirenses. Em 2014, o CSF continha dados de 60 informantes, num total de 34 horas e 45 minutos de gravações. Os informantes foram escolhidos em função dos critérios sociais defendidos por Labov, atendendo às variáveis idade, género, localidade e nível de escolaridade.

Para a análise quantitativa dos usos das variantes de marcação de OD anafórico de 3ª pessoa, foram seleccionadas as seguintes amostras de 6 informantes: OD-Funchal-1, com informantes pouco escolarizados (até ao Nível Básico de escolaridade), OD-Funchal-A, com

informantes jovens (18-25 anos) e OD-Funchal-C-, de informantes mais velhos (com idade superior a 56 anos), todas estratificadas em género (em cada, uma 3 informantes do sexo feminino e 3 do sexo masculino). Para além deste fator, foi considerado na amostra 1, o fator *idade* (2 informantes por cada nível etário – jovens (18-35 anos), adultos (36-55 anos) e idosos (com idade superior a 55 anos), e nas amostras A e C, o fator nível de escolaridade (2 por cada nível – Básico, Secundário e Universitário). Estas amostras, analisadas por Aveiro e Sousa (2014), Nóbrega e Coelho (2014) e Caires e Luis (2014), no âmbito dos seminários de mestrado, sob orientação de Aline Bazenga<sup>6</sup>, com recurso ao programa Goldvarb X (SANKOFF et al, 2005; TAGLIAMONTE, 2006), especialmente concebido para a análise em termos de regra variável, preconizada pela sociolinguística variacionista, (LABOV, 1966, 1972; SANKOFF; LABOV, 1979)

- Dialetoлогия perceptual e os Inquéritos de Andrade (2014) e de Rodrigues (2015)

Nos anos 80, graças aos trabalhos de Dennis Richard Preston (1999, 2002, entre outros), desenvolveu-se uma outra área de estudos, a **dialetoлогия perceptual**. Esta disciplina integra conceitos de base cognitiva, como são os de “perceção” e “atitudes”, definidos em psicologia social, aplicados à variação linguística. Assim, procura-se entender as perceções geográficas dos falantes e as suas atitudes em relação à diversidade linguística e observar se elas coincidem ou não com as variedades dialetais traçadas pelos dialetólogos, com base na identificação de traços linguísticos tidos como específicos de cada dialeto. Nesta área de estudos, busca-se analisar se as perceções linguísticas correspondem às diferenças dialetais efetivas e entender como estas são avaliadas pelos falantes, em termos de prestígio, agradabilidade e inteligibilidade. Está, assim, subjacente a ideia de que esta perspetiva de análise da variação linguística pode contribuir para melhor compreender o fenómeno da mudança linguística.

No âmbito do PE, os trabalhos nesta área são muitos recentes, como o demonstram as teses de mestrado de Susana Cabeleira (CABELEIRA, 2006), orientada por Maria Antónia Mota e defendida na Universidade de Lisboa (UL), e de Carla Sofia Ferreira (2004) e Sara Martins Haddar (2008), ambas sob a orientação de Maria Clarinda Azevedo Maia e defendidas na Universidade de Coimbra (UC). Os três estudos atitudinais e perceptivos sobre a diversidade dialetal do PE acima referidos, baseados em amostras com falantes que vivem em regiões de Portugal, fornecem outros argumentos para a individualização dos dialetos insulares, de um modo geral, e dos da Madeira, em particular. Nestes trabalhos, e no que se refere ao atributo “inteligibilidade”, as variedades do português falado nas ilhas portuguesas são avaliadas como menos inteligíveis, quando comparados com outras variedades do PE continental. Para tal contribuem não só alguns traços fonéticos e prosódicos, o léxico, mas também fenómenos morfossintáticos que efetivamente fazem parte da realidade linguística insular. O estudo de Andrade (2014) revela uma tendência para avaliar positivamente, em termos de prestígio, a variedade do português falado na Madeira, imediatamente a seguir à variedade-padrão (de Lisboa). A variedade dos Açores, contrariando a descrição linguística que a considera próxima da madeirense, é avaliada, pelos informantes madeirenses, como a menos compreensível e a mais distante da sua própria maneira de falar.

- O Inquérito de ANDRADE (2014)

No âmbito da realização da dissertação de mestrado de Catarina Andrade, intitulada *Crenças, Perceções e Atitudes Linguísticas de Falantes Madeirenses* (2014), foi possível proceder à avaliação perceptiva de construções sintáticas não-padrão em uso em variedades do

---

<sup>6</sup> Seminários de Gramática da Pluralidade, no âmbito do Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais da Universidade da Madeira.

português falado na Madeira, por parte de falantes madeirenses. Esta avaliação realizou-se através da aplicação de um questionário, entre Abril e Dezembro de 2013 – Secção C - a 126 informantes, madeirenses, 18 por cada um dos sete pontos de inquérito na ilha da Madeira (Funchal, Santa Cruz, Machico, Câmara de Lobos, Santana e São Vicente e Calheta). Em cada ponto de inquérito, os 18 encontram-se estratificados em *género*, *idade* e três *níveis de escolaridade*.

Na Secção C do questionário, dedicada a questões de sintaxe (pronomes e clíticos, construção com ter existencial, construção aspetual estar + gerúndio), os inquiridos deviam avaliar as variantes sintáticas padrão e não-padrão em termos de grau de correcção, seleccionando um dos valores da escala de Linkert (Cf. Fig.1) proposta, na qual o valor 1 significava “Menos correto” e o valor 5, “Mais correto”. Pretende-se, através deste processo avaliativo, verificar quais as respostas mais rejeitadas pelos inquiridos e aquelas que beneficiam de maior aceitação da sua parte, quer se trate de respostas/variantes padrão ou não.

C.											
Ja viste o vestido?	Menos correto-1, mais correto-5					Estou desejando que chegue o verão, porquê?	Menos correto-1, mais correto-5				
	1	2	3	4	5		1	2	3	4	5
A- Comprei na feira						A- Porque só no verão é que vai-se a praia					
B- Comprei-lhe na feira						B- porque só no verão é que se vai a praia					
C- Comprei-o na feira						C- porque só no verão é que agente vai-se a praia					

**Figura 1.** Excerto da Secção-C do Questionário aplicado por Andrade (2014)

Neste trabalho, foram considerados como fatores sociais que podem condicionar as diferenças observadas na perceção dos fatos linguísticos, o género, a idade, o nível de escolaridade e a localização (Local/concelho de residência) dos informantes.

- O Inquérito de Rodrigues (2015)

Em Setembro de 2015, foi aplicado, por Lorena Rodrigues (RODRIGUES, 2015, BAZENGA; RODRIGUES, 2016), no quadro do seu projeto de doutoramento, um questionário a 412 informantes jovens, com idades compreendidas entre 18 e 25 anos, todos estudantes da Universidade da Madeira, no Funchal. Na senda do trabalho desenvolvido por Andrade (2014), este inquérito teve como propósito o de aprofundar a questão da interpretação das variantes sintáticas de realização de OD anafórico, tendo por foco a comunidade jovem, urbana e mais instruída da sociedade insular.

No questionário elaborado, composto de seis perguntas, os inquiridos deviam escolher e atribuir, para cada uma, um conceito de 1 a 4, a saber: 1 – Não falo/escrevo desse jeito, porque essa é a forma errada; 2- Uso essa forma na fala e na escrita em contextos informais; 3- Falo dessa forma, mas não escrevo e 4- Essa é forma correta de falar e de escrever, conforme exemplificados a seguir, com as perguntas I e II (Figura 2).

<b>I. Já viste o vestido?</b>					<b>II. Falaste hoje com o teu primo?</b>				
A- Comprei na feira	1	2	3	4	A- Sim. Vi na missa.	1	2	3	4
B- Comprei-lhe na feira	1	2	3	4	B- Sim. Vi-lhe na missa.	1	2	3	4
C- Comprei-o na feira	1	2	3	4	C- Sim. Vi-o na missa.	1	2	3	4
D- Comprei ele na feira	1	2	3	4	D- Sim. Vi ele na missa.	1	2	3	4

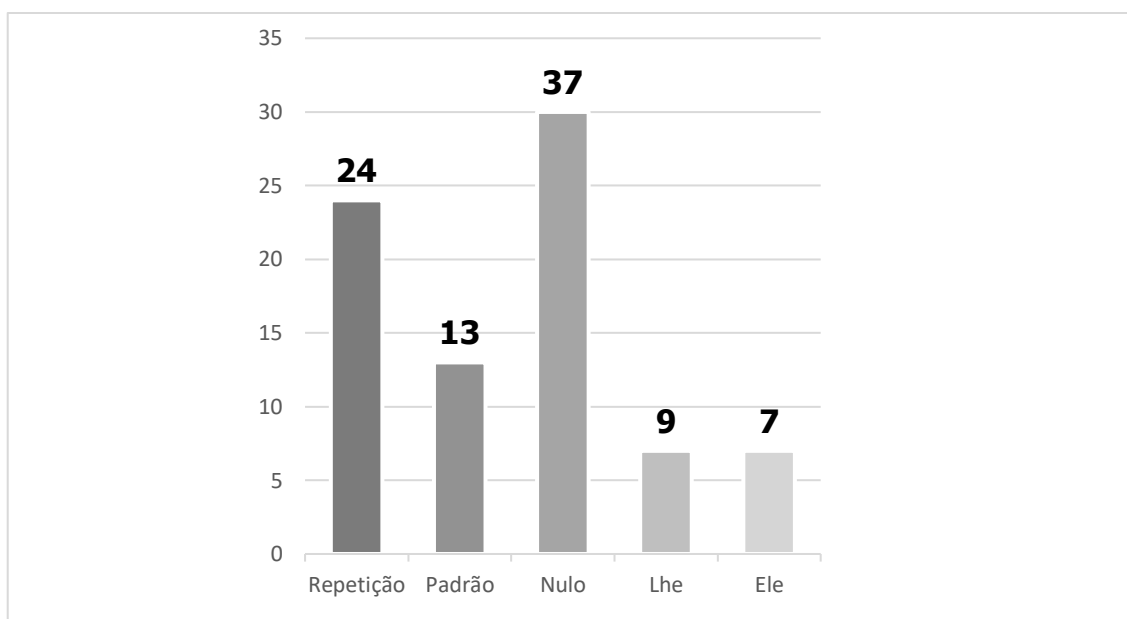
**Figura 2.** Excerto do Questionário aplicado por Lorena Rodrigues (2015) na Universidade da Madeira.

Como fatores de controle linguísticos, foram analisados, entre outros, os traços [ $\pm$  humano] e [ $\pm$  masculino] do OD. Como condicionantes extralinguísticas, examinou-se o género do informante, o curso ao qual pertencia, e se já tinha vivido fora da ilha.

### 3. Resultados: usos e percepção

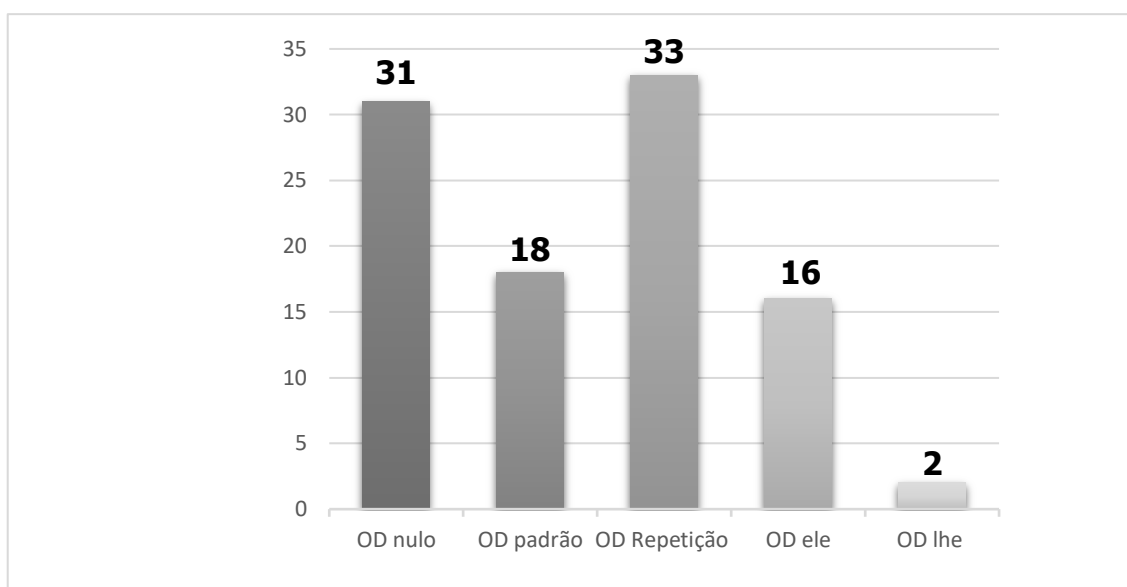
#### 3.1 Estratégias de realização de OD anafórico

Os primeiros resultados quantitativos das ocorrências atestadas nas amostras de seis informantes, conforme especificado no ponto 2.1, mostram que o uso do clítico em função OD (-o, -a, -os, -as e as suas variantes contextuais, -no, -na, -nos, -nas e -lo, -la, -los, -las), e que corresponde à variante-padrão, é a estratégia menos utilizada pelos falantes do Funchal, quer se trate de jovens (16%, cf. Gráfico.1) ou de idosos (18%, cf. Gráfico.2), ou sejam pouco escolarizados (2,8%, cf. Gráfico 3). As estratégias preferenciais traduzem-se pelo recurso à repetição lexical e à não-marcação desta função ou OD nulo, nas três amostras, 29% e 37% (Gráfico 1, Jovens), 33% e 31% (Gráfico 2, Idosos) e 37,1% e 36,4% (Gráfico 3, pouco escolarizados), respetivamente.

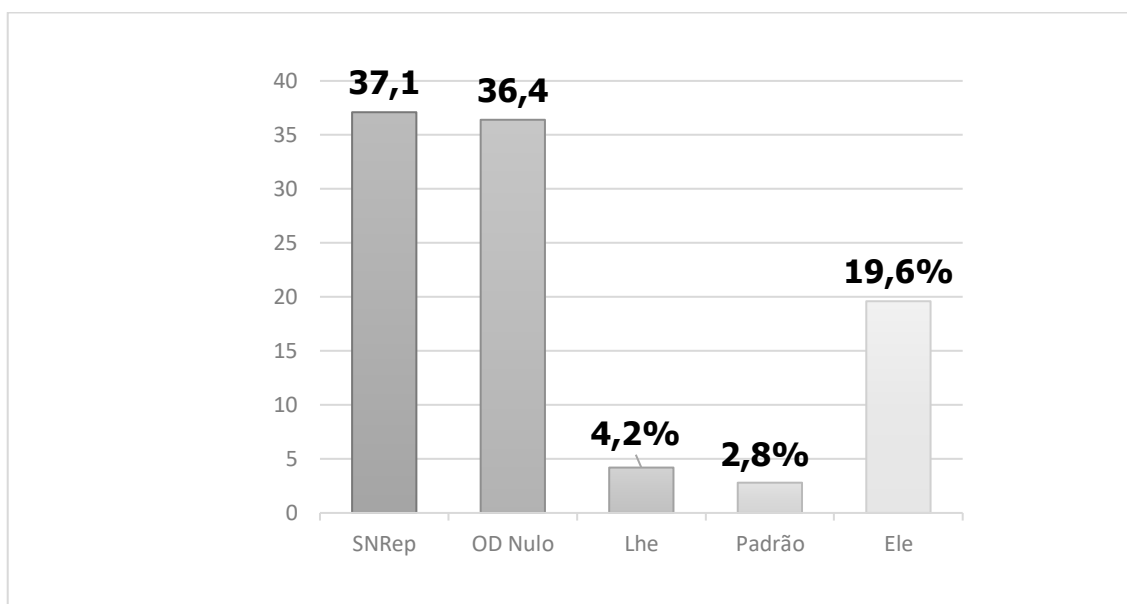


**Gráfico 1.** Resultados globais da variável OD e as suas quatro variantes na amostra OD-Funchal-A (jovens), em Nóbrega e Coelho (2014).

O uso da variante com *e/e* apresenta valores mais expressivos quando se trata de falantes mais idosos (16,4 %, cf. Gráfico 2) e pouco escolarizados (19,6 %, cf. Gráfico 3); já a variante em *-lhe* regista a sua maior percentagem de uso na amostra dos seis informantes jovens (9 %, cf. Gráfico 1).

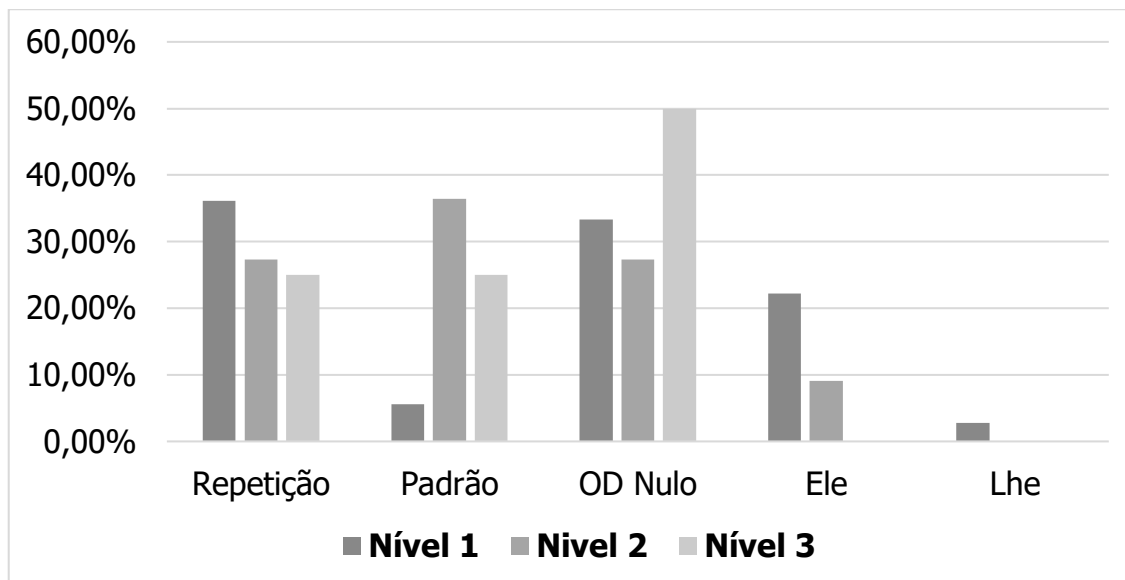


**Gráfico 2.** Resultados globais da variável OD e as suas quatro variantes de realização junto de 6 informantes idosos do Funchal (OD-Funchal-C), em Caires e Luis (2014).



**Gráfico 3.** Resultados globais da variável OD e as suas quatro variantes de realização na OD-Funchal-1 (Pouco escolarizados), em Aveiro e Sousa (2014).

O fator *nível de escolaridade*, que categoriza os falantes em três níveis: com formação até ao ensino básico (nível 1), secundário (nível 2) e superior (nível 3)) parece ser aquele que maior incidência tem no uso da variante-padrão com clítico *-o*. A título de exemplo, podemos observar os resultados obtidos quando se tem em conta este fator na amostra de informantes mais idosos, no Gráfico 4, já a seguir:



**Gráfico 4.** A variável *nível de escolaridade* na amostra OD-Funchal-C (Idosos), em Caires e Luis (2014).

Os falantes idosos mais escolarizados (licenciados) não recorrem, por exemplo, à variante com *ele*, muito utilizada por aqueles que têm poucos estudos (22 %); inversamente, são aqueles que mais usam a variante-padrão (25 %), em contraste com o uso pouco significativo (5,6 %) por parte de falantes menos escolarizados.

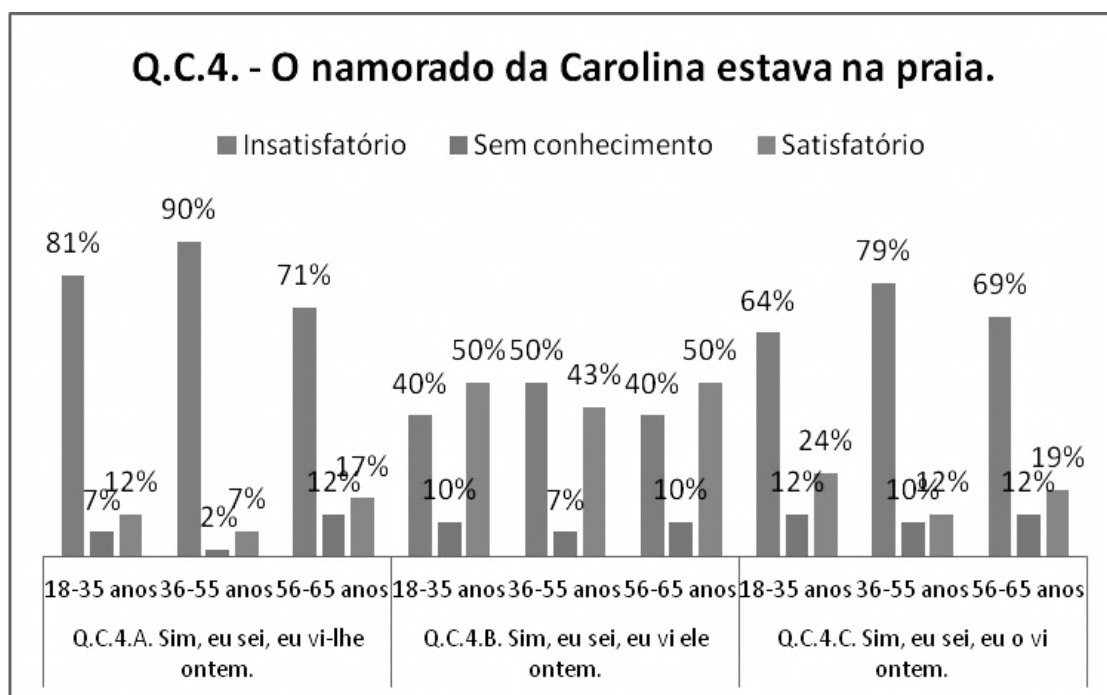
### 3.2 Resultados percetivos: Perceção avaliativa das variantes não-padrão de OD em Andrade (2014) e em Rodrigues (2015)

- Andrade (2014)

Face aos dados que o CSF contém sobre esta matéria e aos primeiros resultados expressos no ponto 3.1, Catarina Andrade, verificou que, em termos globais, “dos 126 inquiridos, 59 % tem preferência pela omissão de OD e apenas 8 % pela sua realização com o clítico *lhe*” (ANDRADE, 2014, 151). Em traços gerais, as opções que apresentam uma ausência de realização de OD e aquelas em que a sua realização se faz com pronome *ele*, com 59 % e 48 %, respetivamente, foram as variantes avaliadas de forma positiva pelos falantes madeirenses, em termos de aceitabilidade. Por seu turno, as opções/variantes *Sim, eu sei, eu vi-lhe ontem* (12 %) e *Comprei-lhe na feira* (8 %), ambas relacionadas com a realização de OD através do clítico *lhe*, parecem ser fortemente estigmatizadas pelos inquiridos. Apesar de os falantes madeirenses terem acesso à norma-padrão através da escola, as variedades faladas na Ilha distanciam-se, em vários pontos do sistema linguístico, da variedade normativa, e os madeirenses parecem ter consciência destas diferenças.

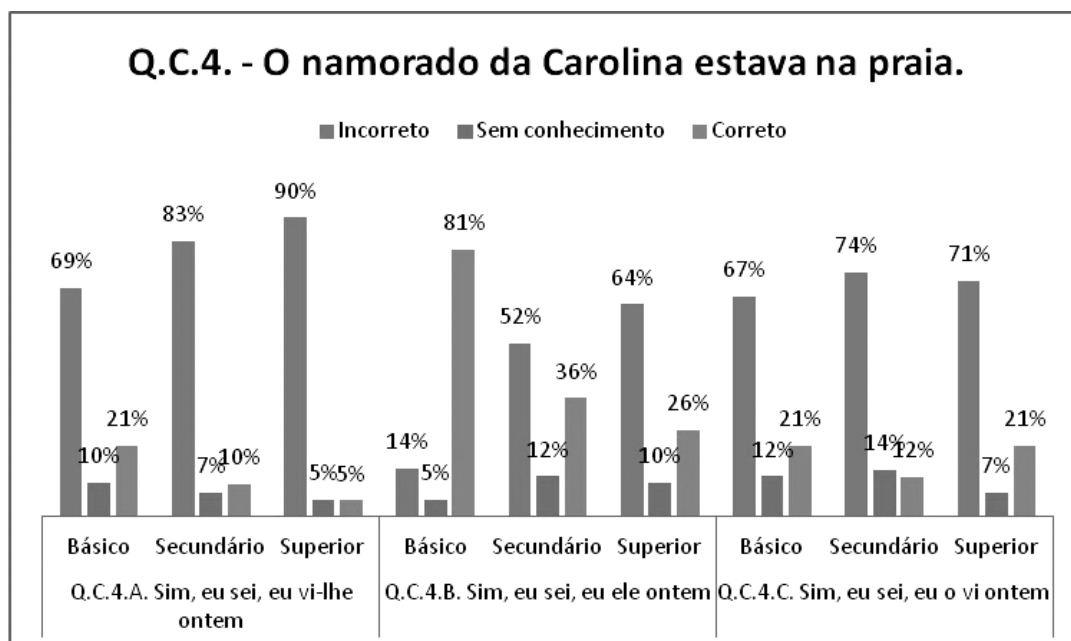
Tal significa uma tendência, junto dos falantes madeirenses para uma maior aceitação da variante sem marca de OD. A consideração de fatores extralinguísticos mostra algumas diferenças sociais na perceção das variantes em jogo, nomeadamente as de realização com *ele*, *-lhe* e *o* proclítico (Gráficos 5 e 6).

Observa-se que a aceitabilidade de *-lhe* aumenta consoante a idade dos informantes (12% nos mais jovens e 17% nos mais velhos), sendo, no caso da variante com *ele*, de 50% nestas duas faixas etárias (Gráfico 5)



**Gráfico 5.** O fator *idade* na avaliação das variantes  $\phi$ , *ele*, *-lhe* e *o proclítico* de OD anafórico (ANDRADE, 2014, 164)

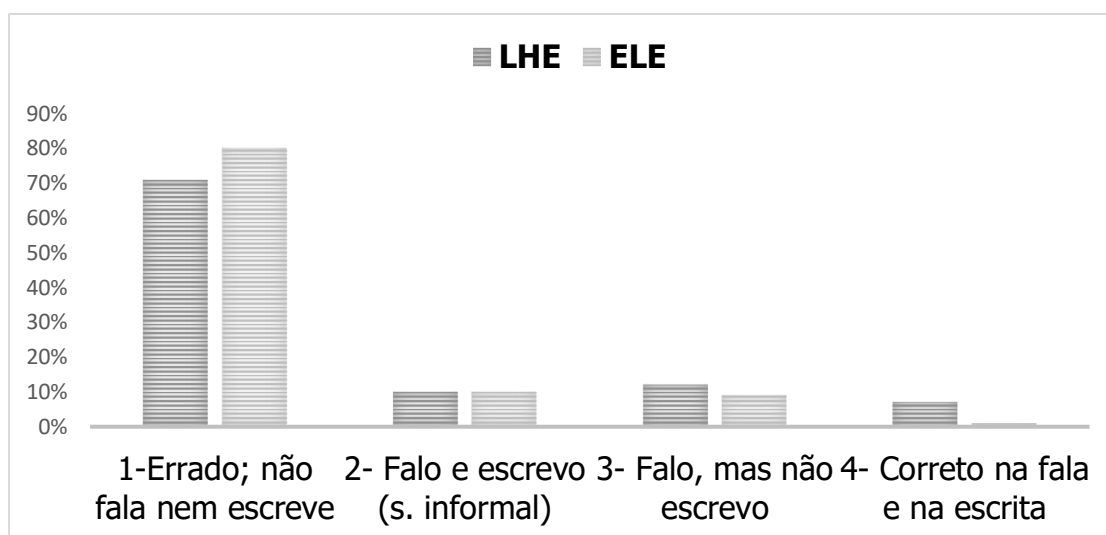
O fator *nível de escolaridade* dos informantes é responsável também por contrastes de aceitabilidade. Assim, são os informantes menos escolarizados quem mais aceita a variante com *-lhe* (21%) em contraste com os informantes licenciados, junto dos quais apenas 5% avalia positivamente esta variante (Gráfico 6). No que se refere à variante com *ele*, os valores de aceitabilidade atingem os 50% e 26%, no primeiro e segundo grupos mencionados, respetivamente (Gráfico 6).



**Gráfico 6.** O fator *nível de escolaridade* na avaliação das variantes  $\phi$  e em *ele*, *-lhe* e o *proclítico* de OD (ANDRADE, 2014, 166)

o Rodrigues (2015)

Atendendo à relevância do condicionamento do nível de estudos exibido pelos falantes na sua percepção da variação sintática, facto que ficou demonstrado no trabalho de Andrade (2014), o estudo de Rodrigues (2015), dando continuidade a esta investigação, tem por objetivo observar como um grupo mais restrito da sociedade madeirenses, elite jovem da cidade do Funchal, representada pelos estudantes da Universidade da Madeira, avalia um domínio mais restrito da sintaxe do português, e também ele sujeito a variação: o uso de formas variantes não padrão de OD anafórico. O seu trabalho mostra, tal como esperado, e no que se refere às variantes *-lhe* e *ele*, uma avaliação negativa destas duas variantes excluídas da variedade padrão, mais acentuada no caso de *ele* (81% dos inquiridos considera esta forma errada, afirmando também não a utilizar nem na fala nem na escrita; apenas 1% a reconhece como uma variante correta de uso, na fala e na escrita, cf. Gráfico 8).



**Gráfico 6.** Resultados globais da avaliação das variantes de OD, *ele* e *-lhe*, por estudantes da Universidade da Madeira por Lorena Rodrigues (RODRIGUES, 2015, BAZENGA; RODRIGUES, 2016).

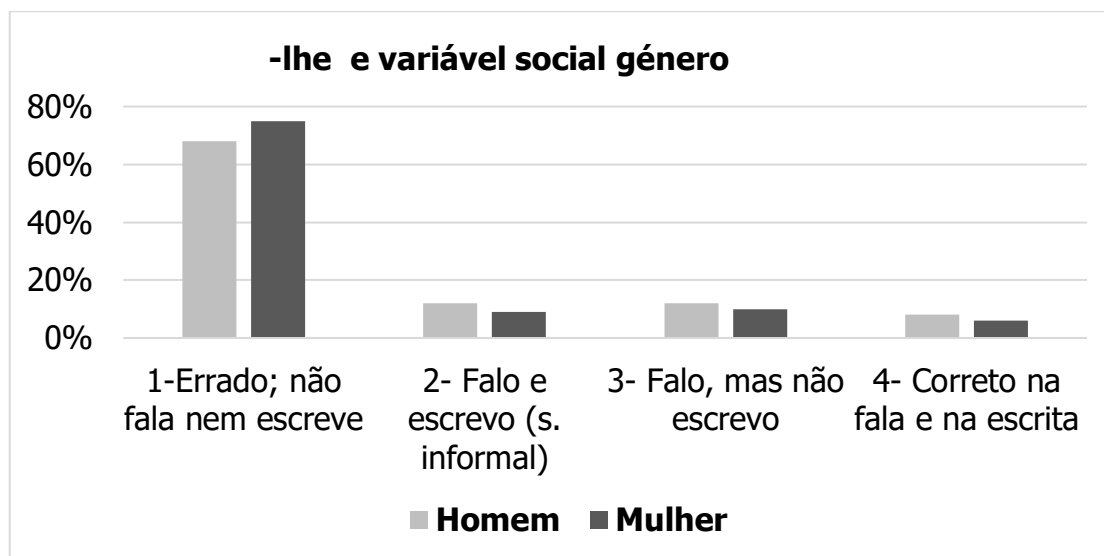
Saliente-se ainda que, em 19% das avaliações dos alunos entrevistados, é admitido o uso de *ele*, como OD, sendo que, em 10% dos casos, em contextos mais informais de fala ou de escrita e, em 9% dos casos, como sendo uma variante adequada apenas na fala. Os números chamam a atenção, se considerarmos que todos os nossos inqueridos são universitários portugueses, isto é, integram a classe com o maior nível de escolaridade da sociedade madeirense.

A segunda variante com maior número de avaliações negativas foi o pronome clítico *lhe*. Os dados mostram que 29% dos universitários afirmam usar esta forma em variação com o clítico de terceira pessoa. E, desse número, 7% vê essa forma como a mais correta, valor bastante alto, se compararmos com a variante *ele*.

Dos fatores controlados, destacaram-se o traço semântico e o tipo da forma verbal, que apresentaram uma grande variação percentual entre as avaliações positivas. Além desses dois

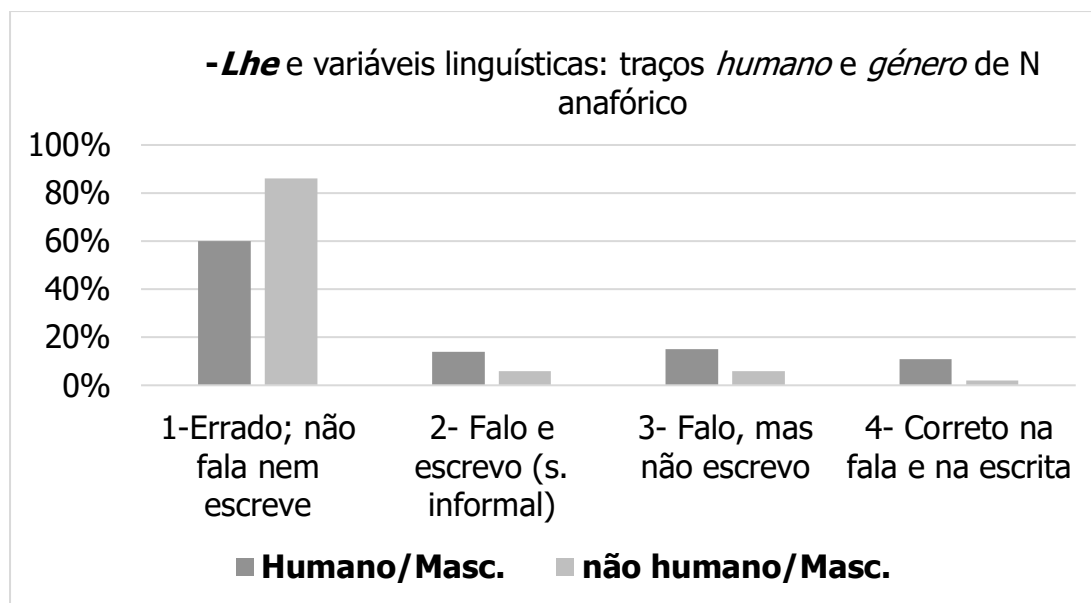
grupos, o pronome *ele* foi mais aceite por estudantes que moraram fora da Ilha. Já o uso do pronome *lhe* foi admitido por um maior número de estudantes do sexo masculino.

Atendendo à variável social género do informante, os números presentes no Gráfico 9, a seguir, mostram que é positiva, em 32% dos casos, a avaliação do pronome *lhe* feita por informantes do sexo masculino. Destes, 12% afirmam a sua utilização na fala e na escrita e 8% consideram que se trata de uma variante correta. Já na valoração atribuída pelos informantes do sexo feminino, a aceitação desta variante foi bem menor em relação aos resultados masculinos (25%), destacando-se o facto de 10% afirmar usar esta forma apenas na fala.



**Gráfico 7.** Resultados da avaliação das variantes OD *ele* e *-lhe* por estudantes da Universidade de Madeira e fator social *género* dos inquiridos obtidos por Lorena Rodrigues (RODRIGUES, 2015, BAZENGA; RODRIGUES, 2016).

A percentagem de aceitação da variante *-lhe* aumenta quando estão reunidas duas propriedades linguísticas de N anafórico: nome [+humano, + masculino], como em *vi-lhe* [o Pedro] na missa. Assim, quando reunidas estas condições, 15 % dos inquiridos afirma utilizar esta variante na oralidade, em situações do discurso informais, e 11 % considera-a como sendo correta (Gráfico 10).



**Gráfico 8.** Resultados da avaliação da OD *-lhe* por estudantes da Universidade da Madeira, quando considerados o traço semântico *humano* e *género* de N anafórico, obtidos por Rodrigues em 2015 (RODRIGUES, 2015, BAZENGA; RODRIGUES, 2016).

Estes resultados parecem configurar uma ainda ténue distribuição na perceção social das duas variantes: a variante *ele* é mais estigmatizada pela jovem elite insular e a variante *-lhe* parece estar a progredir em termos de aceitabilidade.

## Considerações finais

Tal como em outras variedades geográficas do português europeu (PE), a variação sintática está presente nas variedades faladas do português na Madeira, contribuindo para a caracterização sociolinguística e cultural da comunidade insular no seu todo. Desta caracterização faz parte a presença de algumas variantes conservadoras, já não atestadas no PE continental, mas presentes também em variedades extraeuropeias do português (brasileiras e africanas). As variantes inovadoras resultam, em muitos casos, de fenómenos de simplificação de subsistemas de marcação morfológica de categorias verbais e nominais, sendo os falantes menos escolarizados os que mais produzem este tipo de variantes. As variantes ELE e -LHE de marcação de OD anafórico poderiam integrar este tipo de processo.

A presença destas características linguísticas no espaço insular deve-se provavelmente a uma história de contacto linguístico, social e cultural individualizante, quando comparada com outros territórios onde se fala o português. Parece clara também, tal como ocorre em variedades do Português do Brasil, amplamente estudadas por linguistas variacionistas, a influência de fatores sociais na variação sintática observada. Deste ponto de vista, as variantes, produzidas por falantes iletrados ou pouco escolarizados, mais velhos e do sexo feminino na comunidade de fala urbana do Funchal, podem ser consideradas como indicadores de localidade e de classe, ou seja, combinam o traço típico de “madeirensidade”, por se tratar de variantes não atestadas em variedades do PE continental até agora estudadas, e de “popularidade”, ou de grupo social, cuja variedade falada é marcada por usos de formas linguísticas não prestigiadas, excluídas da variedade-padrão do PE e objeto de estigma social.

Ao compararmos os resultados obtidos por Rodrigues (2015) com os de Andrade (2014), é possível constatar uma diferença de perceção e avaliação. Nos testes feitos por Andrade (2014), *lhe* foi considerada a forma mais estigmatizada, enquanto *ele*, recolheu

maiores índices de aceitabilidade. Já junto da comunidade de estudantes universitários da capital insular o estigma recai sobre a variante *e/e*. A nossa hipótese é de que esta diferença poderá estar relacionada com a configuração do público-alvo, mais homogénea no caso do inquérito aplicado a jovens universitários que, pelo seu alto nível de escolaridade, rejeitam mais a forma *e/e*, mais marcada socialmente por ser a forma de uso, dita popular, associada a falantes menos escolarizados.

Para além da influência do fator extralinguístico nível de escolaridade dos falantes madeirenses nos seus usos e consciência linguística, merece destaque a importância do fator género. Globalmente, os resultados de Rodrigues (2015) parecem ir ao encontro da premissa laboviana segundo a qual as mulheres apenas comandam a mudança linguística se a variante inovadora gozar de prestígio social, o que não é o caso dos pronomes *e/e* e *lhe* para marcação de OD. Esse fato está intimamente ligado às questões de género, pois as mulheres lutam em vários aspetos para se firmarem perante a sociedade e, assim sendo, evitam, no seu discurso, estruturas linguísticas estereotipadas. No entanto, no estudo de Andrade (2014), mas também no de Bazenga (2011), as mulheres madeirenses apresentam-se fazendo uso de variantes estigmatizadas. A autoras relacionam este facto com o papel feminino assumido tradicionalmente na sociedade madeirense, até meados do século XX, caracterizado por um mais baixo nível de escolarização e menor destaque profissional. Ressaltamos, contudo, que as as inquiridas do estudo de Rodrigues (2015) são jovens universitárias, o que explicaria esta diferença e a aproximação com a tendência apontada por Labov, isto é, se uma mudança social ligada ao género ocorre, essa mudança também se reflete na questão linguística.

Por outro lado, embora as formas não marcadas manifestem uma tendência para sobreviverem à custa das formas marcadas por uma maior saliência percetual, esta tendência pode estar em risco, sob a influência de estereótipos sociais e regionais. Assim, a variante *e/e*, por exemplo, tende a ser mais produtiva, e mais aceite pela generalidade dos falantes, em detrimento do nivelamento linguístico desejado pela elite madeirense. Em nosso entender, esta variante poderia funcionar, assim, como “índice” (no sentido que é dado pela semiótica de Peirce) de um sentimento de pertença a um território social. Numa comunidade de fala com as características marcadas pela insularidade, a mudança linguística poderia, assim, ser mais lenta também, observando-se uma tendência para preservar as formas fortes e identitárias.

Por fim, os resultados de Rodrigues (2015) (BAZENGA; RODRIGUES, 2016) parecem ir ao encontro dos de Andrade (2014), na medida em que esta autora que observava nos madeirenses uma representação de dupla filiação linguística: portuguesa, em primeiro lugar, seguida da regional, simbolizada por uma variedade falada distinta, também ela considerada de prestígio, um centro (regional/insular) dentro do centro do todo nacional – Lisboa, a capital –, a variedade de prestígio legitimado. A atitude positiva manifestada pelos madeirenses em relação à sua variedade falada poderia ser entendida a partir do conceito de “prestígio encoberto” (*couvert*), introduzido por Labov e também desenvolvido por Trudgill (1972), que procura explicar o uso de formas linguísticas não-padrão por parte de alguns grupos de uma comunidade de fala. Estes usos contribuem para a formação de um padrão de prestígio implícito dentro da comunidade, com um valor simbólico de solidariedade, em contraste com os valores de autoridade (clareza, elegância, pureza, competência) que caracterizam o prestígio legítimo.

## Referências

- ANDRADE, C. G. G. **Crenças, Perceção e Atitudes Linguísticas de Falantes Madeirenses**. 2014. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais. Funchal: UMa.
- AVEIRO, M. A. F. T. & SOUSA, P.A.F.S. Emprego do objeto direto nos falares madeirenses. **Gramática de Pluralidades** (disciplina do Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais), Funchal, Universidade da Madeira, 2014. (No prelo).
- BAZENGA, A. Aspectos do português falado no Funchal e Variedades do Português, **III SIMELP (Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa)**, Macau: Universidade de

Macau. 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/11320495/Aspectos do portugu%C3%AAs falado no Funchal e V](https://www.academia.edu/11320495/Aspectos_do_portugu%C3%AAs_falado_no_Funchal_e_Varieties_of_Portugu%C3%AAs) [riedades do Portugu%C3%AAs`](https://www.academia.edu/11320495/Aspectos_do_portugu%C3%AAs_falado_no_Funchal_e_Varieties_of_Portugu%C3%AAs)

BAZENGA, A. Corpus of Madeira Island, a Spoken Variety of European Portuguese, **CILC06 (6<sup>th</sup> International Conference on Corpus Linguistic)**. Las Palmas; Universidad Las Palmas de Gran Canaria de Espanha, 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/273203396\\_Corpus\\_of\\_Madeira\\_island\\_A\\_Spoken\\_Variety\\_of\\_European\\_Portuguese\\_Linguistic\\_Universidad\\_de\\_Las\\_Palmas\\_de\\_Gran\\_Canaria\\_Spain\\_May\\_2014](https://www.researchgate.net/publication/273203396_Corpus_of_Madeira_island_A_Spoken_Variety_of_European_Portuguese_Linguistic_Universidad_de_Las_Palmas_de_Gran_Canaria_Spain_May_2014)

BAZENGA, A & RODRIGUES, L. A categoria caso nos pronomes pessoais de terceira pessoa: "estou estudando ela" em perspectiva sociolinguística, **III Congresso Internacional "Pelos Mares da Língua Portuguesa"**, Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Portugal, 6 de Maio de 2016. Disponível em : <https://www.academia.edu/27896951>

CABELEIRA, S. Atitudes e preconceitos linguísticos face a variedades dialetais. In **Actas do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Anais)**, Lisboa: APL, 2006, pp. 245-260.

CAIRES, S. & LUIS, M. Emprego do objeto direto nos falares madeirenses. **Gramática de Pluralidades** (disciplina do Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais), Funchal, Universidade da Madeira, 2014. (No prelo).

CARRILHO, E. & PEREIRA, S. Sobre a distribuição geográfica de construções sintáticas não-padrão em português europeu. In: **XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (Anais)**, Lisboa, APL, 2011, pp. 125-139.

FERREIRA, C. S. **Percepções e atitudes linguísticas das variedades diatópicas de Portugal. Um contributo para a Dialectologia perceptual**. 2004. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

HADDAR, S. M. (2008) **Percepções, estereótipos e atitudes linguísticas albicastrenses: um estudo de dialectologia perceptual**. 2008. Dissertação de mestrado em Linguística e Ensino (Linguística Aplicada). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

LABOV, W. (1972). **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: U. of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change: Internal factors**. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic change: Cognitive and Cultural Factors**. Oxford: Wiley Blackwell, 2010.

\_\_\_\_\_. **The social stratification of English in New York City**. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

NÓBREGA, A. & COELHO, E. As particularidades do objeto direto na variedade madeirense do português. **Gramática de Pluralidades** (disciplina do Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais), Funchal, Universidade da Madeira, 2014. (No prelo).

PRESTON, D. R.; LONG, D. (eds.). **Handbook of Perceptual Dialectology 2**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.

PRESTON, D. R. (ed). **Handbook of Perceptual Dialectology1**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

PRESTON, D. R. The power of Language Regard – Discrimination, Classification, Comprehension, and Production. **Dialectologia. Special Issue**, II, 2011, 9-33.

RODRIGUES, L., As Fronteiras Linguísticas entre o Português Falado na Madeira e o Português Brasileiro, comunicação apresentada no **Colóquio Internacional As Fronteiras da Mobilidade**, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 12 nov. 2015.

RODRIGUES, Lorena e BAZENGA, Aline, "A categoria caso nos pronomes pessoais de terceira pessoa: "estou estudando ela" em perspectiva sociolinguística", **III Congresso internacional Pelos mares da língua portuguesa**, Universidade de Aveiro, 4-6 de maio de 2016.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. 2005. **GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**, 2005. Disponível em: [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm)

SANKOFF, D.; LABOV, W. On the uses of variable rules. **Language in Society**, 1979, 8.189–222.

TAGLIAMONTE, S. A. 2006. **Analysing sociolinguistic variation**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2006.

WEINREICH, U., W. LABOV & HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In W. Lehmann & Y. Malkiel (eds.), **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968, pp. 97-195.